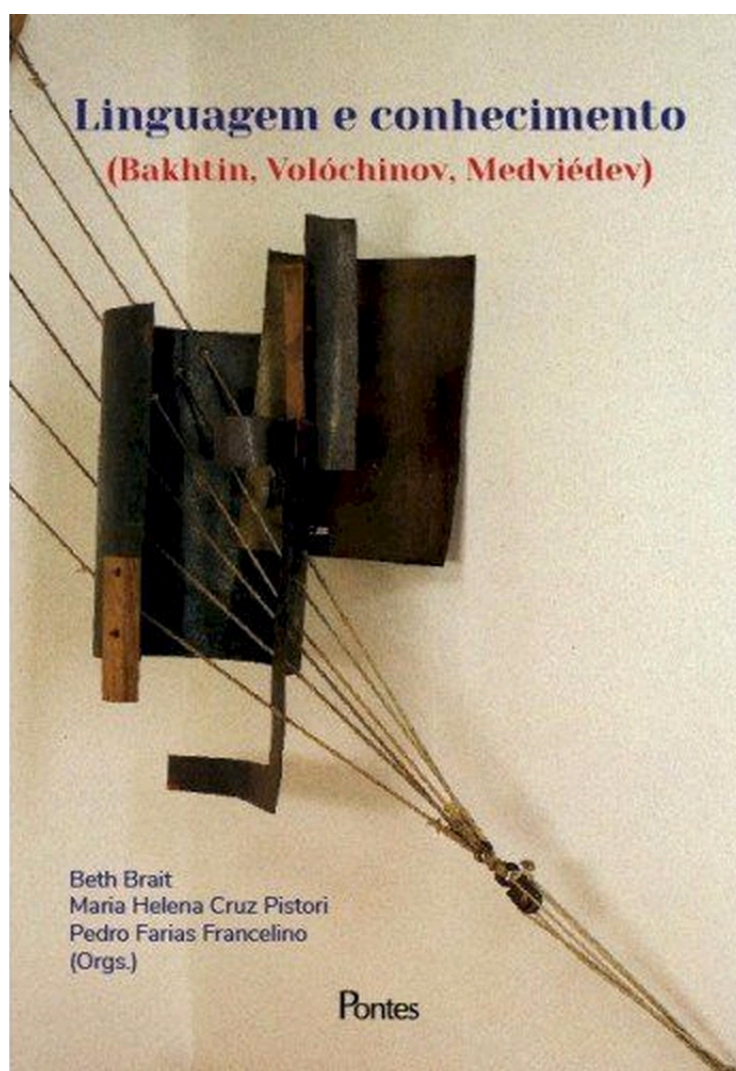


RESENHA

BRAIT, Beth; PISTORI, Maria Helena Cruz; FRANCELINO, Pedro Farias. (Orgs.). *Linguagem e conhecimento: Bakhtin, Volóchinov, Medviédev*, Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, 327 p.

*Vanessa Fonseca Barbosa**

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil



* Pós-doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas (DLCV) da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) da Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, SP, Brasil; Bolsista CAPES; <https://orcid.org/0000-0003-2901-015X>; vanessafonbar@usp.br

Linguagem e conhecimento: Bakhtin, Volóchinov e Medviédev reúne onze capítulos de renomados pesquisadores brasileiros da Análise Dialógica do Discurso (ADD) em torno dos princípios epistemológicos desenvolvidos pelos três membros do Círculo mais conhecidos em nosso país e aparentes já em seu subtítulo: Mikhail Bakhtin, Valentin Volóchinov e Pavel Medviédev. Na coletânea, encontramos a elaboração de profícuas e diferentes reflexões sobre múltiplos objetos de análise que compartilham entre si o olhar geral sob o qual são abordados, isto é, os pressupostos do método sociológico e da metalinguística colocados em relação de interface não somente com autores e trabalhos situados nas Ciências da Linguagem (Linguística e Literatura), mas também com outras abordagens e áreas do conhecimento, como o teatro e a filosofia por exemplo.

Ao tomar a linguagem enquanto elemento concreto, heterogêneo e multifacetado, que se constitui dialogicamente em uma (in)tensa rede discursiva, os autores do livro – tal como os pensadores do Círculo – não deixam de considerá-la na sua intrínseca relação axiológica entre discursos. Essa relação é marcada pela alteridade e por valores que, ao serem desvelados nos trabalhos que nos são apresentados, descortinam possibilidades de melhor compreendê-la, a partir dos inúmeros sentidos que engendra, nos variados gêneros e âmbitos em que se situam as práticas languageiras analisadas.

Bakhtin (1963) postulou que, para compreender o complexo e múltiplo fenômeno do *discurso*, precisaríamos da metalinguística, ciência capaz de estudá-lo sob diversos aspectos e ângulos de visão, sobretudo via relações dialógicas que se estabelecem na materialização dos enunciados. Na obra ora resenhada, os autores desenvolvem com maestria essa compreensão e, não ignorando pressupostos da Linguística propriamente dita – tal como nos demonstra o artigo de Anderson Magalhães, por exemplo, por meio de uma perspectiva cognitivo-dialógica de seu objeto – também os colocam em relação de complementaridade com pesquisas e princípios norteadores de outras áreas do saber, como ocorre no texto de Pistori a partir de premissas da retórica.

Assim, os diálogos (no sentido bakhtiniano do termo) delineados possibilitam aos leitores do livro o contato com um material de excelência que, para além do estudo de textos e conceitos desenvolvidos pelos autores do Círculo,

oferece-nos ainda uma gama de saberes em torno da inter-relação entre linguagem e conhecimento. Ademais, nos proporcionam também observar a dimensão e riqueza envolta nos vários pontos de vista que podem ser aproximados sob a perspectiva dos postulados da ADD, conforme ratificam os textos escritos pelos estudiosos brasileiros que compõem os ensaios presentes nesta obra.

Outro elemento relevante na elaboração do Compêndio diz respeito às recentes traduções de trabalhos dos autores do Círculo realizadas diretas da língua russa para o português brasileiro. Em nosso país, contar com três tradutores dessa área (os professores Paulo Bezerra, Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo) permite-nos desenvolver uma visão mais ampla e aprofundada de inúmeros aspectos fundamentais dos textos que foram escritos pelos pensadores russos. Nesse sentido, conforme afirmam Brait e Pistori, na apresentação do livro, “A decisão de organizar a coletânea [...] está ligada às grandes mudanças representadas pela recepção desse pensamento [dos autores do Círculo], especialmente no que se refere à autoria, ao conhecimento motivado pelas pesquisas em arquivo e pelas traduções e (re)traduções” (2015, p. 9).

Sendo assim, o primeiro artigo a compor a obra é o de Sheila Vieira de Carmargo Grillo, intitulado O retrato de Mikhail Bakhtin em sua mais recente biografia russa (2017). Nele, a autora, a partir da mais nova biografia russa sobre a vida e a obra de Mikhail Bakhtin, publicada no ano de 2017, revela-nos informações inéditas que, para além do conhecimento de episódios muito significativos e particulares da história de Bakhtin, auxiliam-nos também a compreender o processo de criação e o contexto de produção de grande parte das reflexões do filósofo russo.

Trata-se de uma biografia lançada pela coleção russa A vida de pessoas extraordinárias, cujo autor é o professor de literatura russa da Universidade Lóbatchévskogo Alekséi Korováchko. Dentre as diversas descobertas que nos são mostradas a respeito da infância, dos primeiros anos escolares bem como dos encontros e reencontros com outros membros do Círculo até a aposentadoria e morte do autor, destacamos aqui três dados que certamente surpreendem e podem causar algum estranhamento nos leitores do texto. A primeira delas se refere ao fato de que Bakhtin repetiu o ginásio duas vezes, a segunda relaciona-se com a falta de documentos oficiais que comprovem que ele tenha concluído o equivalente

ao Ensino Médio ou mesmo que tenha frequentado a Universidade, apesar de ter conseguido seu título de Doutor. A terceira, por sua vez, aborda a invenção de alguns dos dados disponíveis em seu currículo, pois, de acordo com a pesquisa realizada por Grillo, para Aleksei, Bakhtin “[...] cria uma narrativa fictícia com o propósito de conseguir trabalho, “emprestando” dados da biografia de seu irmão Nikolai (conclusão da Universidade de Petrogrado) e de Matvéi Kagan (relata de ter assistido aos cursos na Universidade de Marburgo e Berlim)” (2015, p. 25). Outro evento da tumultuada vida do autor que nos desperta muita atenção nesta escrita é o árduo caminho por ele percorrido até a conquista do título de Doutor, a qual se deu somente seis anos depois de realizada a defesa da tese de Bakhtin. Todas essas informações nos são trazidas no artigo junto de suas devidas justificativas e explicações, o que nos facilita compreender por que, segundo a tradutora, “O texto de Korovácko oscila entre a acusação de mistificação da vida pelo biografado e a exaltação de uma trajetória extraordinária” (2015, p. 39), além de reforçar também a relevância deste estudo às investigações científicas sobre a produção de Bakhtin.

O segundo artigo que compõe o livro é da autoria de Beth Brait, intitulado *Do que rimos com Bakhtin?* Para responder à pergunta colocada no título, a autora mobiliza escritos do filósofo da linguagem, nos quais sua atenção está voltada ao desenvolvimento de tópicos que abordam, entre outros elementos, a carnavalização, o riso, a ironia e a intrínseca relação entre cultura e literatura. Com esse arcabouço epistemológico, Brait analisa o conto “Ele era nosso paizinho!”, de José Rodrigues Miguéis, publicado em uma coletânea no ano de 1973, e, no decorrer das reflexões que tece, a pesquisadora ratifica a seguinte tese: “Trata-se de pensar, com Bakhtin, formas do riso que, dentro de uma longa tradição, se configuram como expressão de criativa resistência” (2015, p. 43).

Esse trabalho, que faz parte de uma pesquisa mais ampla, segundo sua autora, na qual a temática principal é a cultura militar, nos faz perceber que se refere, no caso em questão, à seleção de “[...] um conto perfeito a respeito de um moribundo (o militar) que, ao morrer, renasce simbolicamente, pela força da farsa, para as mentiras que o sustentaram a vida toda” (2015, p. 62-63). Sem dúvida, a leitura deste texto nos propicia o contato com um material de estudo e trabalho que resgata um dos pontos fulcrais do pensamento dialógico bakhtiniano: a relevância

das Artes e da Literatura, consideradas para além da centralidade, seja na forma ou em seus aspectos sociais somente, isto é, uma compreensão da produção literária e artística que não ignora os conhecimentos mencionados, mas os ultrapassa, ao tomá-la sob a ótica da infinidade e pluralidade de sentidos que se (trans)formam constantemente na e pela linguagem, principalmente, quando são mobilizados pelas lentes do viés sociológico.

O terceiro artigo presente na obra, intitulado Apontamentos sobre o teatro e referências à arte do ator na obra de Bakhtin e o Círculo, é de Jean Carlos Gonçalves. Nele, como nos revela o título, o autor contempla uma investigação dos trabalhos de Bakhtin, Volóchinov e Medviédev sobre o teatro e a arte do ator, tratando-se de mais um texto do livro que surpreende positivamente os leitores não apenas pelo recorte original com o qual é concebido o trabalho, mas também pela sinalização à imponência das pesquisas do Círculo para a compreensão de múltiplos objetos assim como para possíveis inter-relações com pressupostos de diferentes áreas do saber, notadamente aqueles advindos das Ciências Humanas, como o Teatro e a Cultura. Nas palavras de Gonçalves, sem pretender uma abordagem exaustiva dos temas levantados, busca-se frisar apontamentos essenciais “[...] para a análise da relação entre teatro, jogo, atuação e contemplação que, embora pouco conhecidas por estudiosos, tanto da perspectiva dialógica quanto dos estudos teatrais, têm importância basilar quando se pensa no escopo de interesses do grupo bakhtiniano” (2015, p. 74).

Dos discursos que dão vida à língua: “Diretas já” em perspectiva cognitivo-dialógica é o título do quarto artigo, escrito por Anderson Salvaterra Magalhães, cujo enfoque epistemológico volta-se ao conceito bakhtiniano de *ambivalência semântica*, tomado enquanto um processo cognitivo-discursivo acionado na organização de múltiplos significados para a produção de sentidos, mais especificamente, neste caso, para a análise da expressão linguística *diretas já* em dois diferentes contextos da história política de nosso país. Conforme salienta Magalhães, tal processamento “É cognitivo porque requer um sujeito processador dos significados em jogo na interação; não constitui manifestação de relações formais nem mecânicas [...]. É discursivo porque o que está em jogo decorre de condições histórico-sociais-abrangentes” (2015, p. 97). Assim, o autor considera a produção do

enunciado *diretas já* em duas situações distintas, a partir da investigação de arquivos fotojornalísticos que circularam na mídia, primeiro, entre os anos de 1983 e 1984 e, segundo, em 2017, após o *impeachment* da Presidente Dilma Roussef, em meio a grande instabilidade do país sob o comando de Michel Temer. Neste trabalho, o autor nos apresenta uma leitura apurada e autêntica tanto dos conceitos do Círculo quanto dos eventos que são recortados, convocando-nos, sobretudo, à compreensão da íntima relação entre situação extraverbal e enunciado, o que permite que uma mesma expressão seja preenchida por variados e até mesmo distintos acentos valorativos.

O quinto artigo que compõe o livro foi escrito por Maria Helena Cruz Pistori, cujo título é *Reflexões e diálogo: lugares-comuns, pensamento bakhtiniano e autoria*. Nele, a autora discute definições de *lugar*, *lugar-comum* e *tópica*, entendendo-as dialogicamente, desde acepções advindas da antiga retórica até a análise de exemplos da contemporaneidade, como o presente no discurso de um Ministro Relator, conforme reportado no jornal *El País Brasil* em 2017. Ela nos demonstra que, seja na Antiguidade ou na atualidade, “Utilizados no discurso cotidiano, mas não apenas nele, os lugares-comuns povoam nossos discursos, “pleno[s] de palavras dos outros”, ainda que pouco os percebamos ou não lhes reconheçamos a relevância” (2015, p. 144). Neste texto, Pistori destaca também a participação da memória nas definições em foco e a importância do contexto histórico-social e cultural para a compreensão dos sentidos postos nas relações dialógicas que se estabelecem discursivamente. Além disso, ao final da escrita, a autora nos convoca a pensar sobre o ensino de produção textual, a partir das considerações tecidas no decorrer do trabalho, ao comprovar que “O estudo crítico e dialógico dos lugares-comuns pode ser um dos caminhos na descoberta da natureza dialógica da própria consciência e da vida humana” (2015, p. 147). Sem dúvidas, trata-se de um material de imensurável relevância ao estudioso, ao pesquisador e também ao professor que se propõe a adotar uma postura bakhtiniana de trabalho com a linguagem, posto que nos traz uma densa reflexão teórica bem como ideias para a elaboração de atividades de ensino realizadas nesse âmbito.

O texto seguinte é o de Dóris Arruda da Cunha, intitulado *Linguagem, diálogo, ponto de vista, interpretação: uma leitura de artigos de opinião*. Nele, o

conceito-chave investigado é o de ponto de vista, considerado “[...] fundamental para a compreensão do funcionamento dos discursos, numa perspectiva dialógica” (2015, p. 153). Inicialmente, por meio de uma discussão epistemológica dessa concepção, tomada na sua inseparável relação com outras acepções a ela intimamente relacionadas, a autora desenvolve o conceito tanto sob o olhar dos pressupostos bakhtinianos quanto pelo da abordagem praxemática, com base nos trabalhos de Frédéric François. Conforme afirma, *ponto de vista* é tratado no artigo “[...] no sentido geral de modo de considerar e de tomar uma posição “enquanto” relação ao objeto do discurso, levando em conta seu dialogismo constitutivo, sua contingência, a sua relação com os afetos e valores” (2015, p. 163). Depois, na segunda parte do texto, encontramos a análise de dois artigos de opinião, publicados em diferentes jornais, com posturas avaliativas distintas e até mesmo contrapostas para um mesmo tema: a queda no preço da cesta básica vivida em nosso país no mês de julho de 2013. O trabalho de Cunha nos oferece argumentos suficientemente claros e bem desenvolvidos para desmistificar a ilusão de que há posicionamento neutro na linguagem, a qual, como revela-se, é sempre marcada ideologicamente.

Na sequência da Coletânea, temos Resenhas na Graduação: Dialogismo, Autores e Heróis, escrito por Adriana Pucci Penteadó de Faria e Silva, cujo objetivo está centrado na reflexão em torno de “[...] interações implicadas no gênero resenha crítica em disciplinas de graduação [...]” (2015, p. 184). Para tanto, a pesquisadora parte da pressuposição de que “a resenha exige habilidade de seu autor para orquestrar sua voz com a voz do enunciado resenhado e de colocar num lugar discursivo de autorização para avaliar” (2015, p. 184-185). Assim, Silva subdivide seu texto em três seções principais: na primeira, traça um apanhado geral a respeito do ensino do gênero resenha, com base em textos de livros didáticos para universitários; na segunda, aborda a relação entre o autor e o herói, para tratar da atividade do resenhista, estabelecendo interlocução com escritos do Círculo, assim como algumas produções de seus leitores; na terceira, por sua vez, estão as análises de duas diferentes atividades de produção textual desenvolvidas pela autora com duas turmas da Universidade Federal da Bahia (UFBA): uma delas na graduação em Letras, mais especificamente na disciplina de Leitura de Produções Artísticas, e a outra no curso de Bacharelados Interdisciplinares, no componente curricular de Leitura e Produção de Textos em

Língua Portuguesa. Entre os primorosos ensinamentos que nos são disponibilizados neste trabalho, enfatizamos as questões de autoria e plágio abordadas pela autora, resultantes de suas experiências com o ensino acadêmico de produção textual. As ponderações por ela apresentadas constituem fundamental contribuição para pensarmos sobre desafios e possibilidades em torno da produção de resenhas e do trabalho docente com a escrita de gêneros acadêmicos.

O oitavo texto da obra, *Perspectiva dialógica e ensino de línguas: questões de estilo*, pertence à Maria de Fátima Almeida, que brinda seus leitores com um detalhado estudo de abordagens sobre o estilo e a estilística, contemplando desde as tendências descritiva e idealista da estilística até chegar ao enfoque dialógico, desenvolvido especialmente em produções científicas no Brasil. Tais colocações são tecidas a fim de destacar pesquisas escritas por estudiosos brasileiros “[...] em perspectiva bakhtiniana, subsidiados, especialmente pelo gênero discursivo, para apresentar uma proposta de ensino de língua pautada na contribuição da *Análise Dialógica do Discurso* e visando ao estudo do estilo do gênero” (2015, p. 207). Sob essa ancoragem, a proposta didática sugerida pela autora concentra-se em atividades com duas canções brasileiras: “Eu sei que vou te amar”, de Tom Jobim, e “Asa branca”, de Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira. O texto de Almeida, além das contribuições teóricas que nos dá, destaca-se também pela preocupação recorrente em muitos dos pesquisadores dos trabalhos do Círculo em nosso país, isto é, discutir o potencial de seus princípios epistemológicos, relacionando-os também ao ensino de línguas, tal como disposto neste artigo.

Na sequência, encontramos o texto *Estilo e autoria em sermões religiosos: uma análise dialógica*, de Pedro Farias Francelino. O autor dedica-se ao exame do gênero discursivo sermão religioso oral do segmento cristão evangélico, tomado em sua complexidade e em seu caráter multifacetado, tendo por fim verificar de que modo, nesse caso, “[...] o sujeito autor constrói sua posição axiológica mediante variadas formas de apropriação do discurso de outrem, as quais abrangem procedimentos de assimilação, (re)acentuação, (re)elaboração dos sentidos da palavra alheia, isto é, ecos e ressonâncias” (2015, p. 233) que são produzidas por essas palavras nas enunciações investigadas. Para isto, o pesquisador explora de modo apurado o conceito de estilo no viés dialógico da linguagem, considerando a língua situada sempre em uma zona

fronteiriça com “[...] os discursos alheios, o que nos leva a compreender o enunciado como pluriestilístico, como espaço de contrapalavras, de reações responsivas concretizadas na escolha e disposição dos elementos linguísticos (e de outras semioses)” (2015, p. 242). Outro ponto fundamental do trabalho é a relação entre estilo e autoria que emerge nas relações dialógicas em foco. A produção de Francelino é de extrema importância aos nossos estudos não apenas pela impecável leitura dos textos de Bakhtin que nos exhibe, mas também pela seleção do objeto que analisa, dado, atualmente, o significativo aumento na circulação e divulgação do discurso religioso em diferentes esferas da nossa sociedade.

O capítulo M. Bakhtin e a “virada linguística” na filosofia, escrito por Renata Coelho Marchezan, concede uma oportunidade ímpar de compreender os princípios filosóficos que subsidiam a definição de linguagem para o Círculo. Nos textos de Bakhtin, investiga a inter-relação com o contexto da “virada linguística na filosofia”, a qual é tomada enquanto “uma revolução na filosofia” (2015, p. 264), uma vez que esse paradigma defende “[...] que a linguagem não é um instrumento transparente para o conhecimento do mundo; ela é agente do pensamento” (2015, p. 264). Além desse imponente ensinamento que é bem desenvolvido no texto, a autora também nos permite vislumbrar aproximações entre o trabalho de Bakhtin e o de Ernest Cassirer, “[...] concentrando a atenção no papel que a linguagem desempenha para ambos” (2015, p. 265). Trata-se de uma reflexão de grande valor a todos os estudiosos de Bakhtin, posto que nos possibilita apreender a relevância do papel dos constructos teóricos da Filosofia na constituição desse pensador russo que habitualmente chamamos de filósofo da linguagem.

Encerra o compêndio o capítulo A linguagem como experiência pensante e ensino: diálogos entre M. Bakhtin e M. Heidegger, da autoria de Maria Cristina Hennes Sampaio que tem por objetivo “examinar em que consiste fazer uma experiência com a linguagem, no âmbito de uma Teoria Dialógica da Linguagem, fundamentada numa ontologia do *ato ético responsável* e no *acontecimento do ser*” (2015, p. 293). Para tanto, colocam-se em diálogo pressupostos de Mikhail Bakhtin e Martin Heidegger, somando a essa requintada discussão uma aproximação com postulados de Paulo Freire, para a demonstração de uma proposta de leitura reflexiva de alguns versos do poema *A palavra*, de Pablo Neruda. De acordo com a autora, “No

âmbito de uma filosofia pedagógica do *aprender a pensar* a verdade do ser, como um acontecimento, propomos, ao leitor, um exercício deste livre-pensar que poderia ser feito com alunos desde o primeiro ano do ensino médio através da poesia” (2015, p. 293). Dessa maneira, procura-se encaminhar os discentes à reflexão “[...] acerca das fronteiras da vida e da arte” (p. 293). Assim como os demais trabalhos apresentados anteriormente, podemos afirmar que este texto não apenas mantém como encerra com magnitude esta obra, quanto à qualidade no nível das aproximações teóricas propostas pela pesquisadora e quanto às discussões que elucida.

Ressaltamos, por fim, que, diante do nível de maturidade e primazia das leituras dos trabalhos do Círculo apresentadas pelos autores dos ensaios disponíveis nesta obra, assim como pela riqueza de contribuições oferecidas aos estudiosos desse campo científico, temos à disposição um material que não se encerra nos textos que o compõem. A plenitude dos discursos que constituem este trabalho provoca imperiosos ecos em seus leitores à procura de contrapalavras assim como de novos diálogos neste processo ininterrupto de estudo, pesquisa e dizeres sobre a grandiosa relação entre linguagem e conhecimento.

Referência

BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. [1963]. Trad. Paulo Bezerra. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2015. 352 p.

Recebido: 30/08/2020.
Aprovado: 14/09/2020.